

A difícil vida do morto. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Antônio Pereira era um lavrador forasteiro, que morava em Marimba do Beco, um pequeno povoado de Quibutira, nos confins das Minas Gerais. Conhecido como Tonho, o homem era de família muito simples, daquele povo que vivia no meio do mato. Aprendeu a rezar com os pais, mas não entrava na igreja porque só andava descalço. Ao completar 20 anos, despediu-se da família e saiu do Maranhão a pé, chegando ao norte de Minas uns dois meses após sair de casa. Pegou carona em carro de boi, mula, cavalo. Quem lhe oferecesse um “lombo andante”, ele aceitava.

Trabalhou duro por uns 10 anos e ficou bastante conhecido no arraial de Marimba. Todos que precisavam dos serviços de Tonho, ele sempre ajudava.

Com 30 e poucos anos, precisou viajar a um distrito vizinho e pegou um cavalo do amigo, Pedro, para seguir no mato. O animal estranhou o mau jeito no lombo e deu um pinote para trás, jogando-o ao chão. Com a queda, Tonho quebrou o pescoço e morreu na hora.

Foi um rebuliço no arraial. Todos tentavam imaginar como o homem havia “batido as botas”. Uns diziam que, ao subir no cavalo, tentou ficar de pé e escorregou. Outros especulavam que ele maltratara o animal e a morte foi vingança do equino. Ainda havia aqueles que disseram sobre a sede do cavalo após tanto cavalgar. Quando foi tomar água no rio, mas não aguentou o peso de Tonho. O forasteiro caiu no rio e morreu afogado. A vida de fofoca e futrica de cidade pequena, ainda mais naquele tempo em que as pessoas mal frequentavam a escola, virava um alvoroço quando era hora de passar um recado à frente. O caso sempre aumentava com apenas uma frase.

Cada um rezava à sua maneira para que a alma de Tonho fosse bem encomendada aos céus e não tomasse o rumo do inferno.

Naquele início de século XX, por volta de 1918 ou 1919, nem carroça existia. O transporte era feito em carros de boi, no lombo de cavalo ou de mula. Mas o cavalo do Pedro jamais iria levar o corpo do amigo. O grande problema é que eram 17 quilômetros até a cidade. Isso poderia cansar qualquer animal. Os três carros de boi de Marimba do Beco estavam ocupados. A consciência de Pedro doía só de pensar que o amigo morrera em cima do “seu” cavalo. Logo, isso transformou a morte de Tonho em calvário. O que fazer?

O jeito era ele mesmo levar o amigo nas costas num saco branco e andar quase 3 léguas para enterrar o defunto, caso contrário, nada de transporte.

Pedro disse a Aparecida na hora da viagem:

— Mulhé, reza por mim e pela alma do Tonho. Eu subo ali pá riba e já, já tô de vorta! Nosso Tonho já começô a fedê.

— Meu Pai do Céu! Mãe Juana dizia que, quando começá a fedê, tem que enterrá de quarquê manera!

O casal deu um longo abraço. Os dois choraram a perda de um grande amigo, mas era a hora de levar o defunto para o sepultamento na cidade.

— Cê passa na igreja, pede o Padre Afonso para dar a declaração de morte. Num sei se o doutô Juvêncio tá em Quibutira. Óia primero! Se num tivê, o Padre Afonso resolve; leva no cartório do João e depois enterra.

— Sei o que tem que fazê, Cida. O pobrema é que já tá meio fedeno.

— Vai dá certo, bem, vai dá certo. Cum Deus, pega a estrada. Na capanga tem pão, café no caneco e um pouco d’água.

Pedro passou fome, frio e sede durante os 10 dias de viagem. A cada dia, aumentava mais o mau cheiro do cadáver. Entretanto, jamais lhe passou pela cabeça deixar o corpo do amigo em qualquer lugar no mato. Era um compromisso que ele tinha com Tonho, afinal a culpa da morte era do “seu” cavalo.

Chegou ao centro de Quibutira e foi logo à procura do doutor Juvêncio. O médico não estava na cidade, porque uma emergência de varíola o levou a outra localidade. Assim, foi preciso procurar o Padre Afonso. Bateu à porta da Casa Paroquial:

— Ô Padre, bão dia ou bá tarde? Já nem sei mais. Tô numa fome! Tem um prato de cumida aí, não?

— A paz do Senhor esteja com... Que fedô é esse, meu fíio! Parece até catinga de defunto.

— Amém! E num é, Padre? O Tonho morreu! Preciso do sinhô pra me ajudá!

— Entra, meu fíio. Mas deixa o morto aí fora.

Pedro deixou o defunto na calçada. Entraram e, enquanto o Padre preparava uma refeição para o marido de Cida, este lhe contava toda a história de Tonho.

— Eu preciso que o sinhô arranje a papelada do Tonho Pereira, porque vou levá no Cartório pra enterrá.

— Vou oiá isso no Batistério, mas o Tonho num foi batizado aqui. Ele num é um forasteiro?

— Mas, Padre, preciso enterrá meu amigo!

— Acaba de cumê aí e leva no “João”. Ele resolve tudo no Cartório.

Decepcionado, Pedro agradeceu ao Padre, colocou o saco branco nas costas e se mandou para o Cartório.

— Bão, seu Jão? Padre Afonso mandou cê arrumá a papelada do Tonho. Morreu no dia 1º de abril. Caiu do meu cavalo e quebrou o pescoço. Tá fedeno que dá dó, o coitado.

— Vichi, tá mês! Mas aqui num tem jeito não. Já oiô com o dotô Juvêncio?

— Tá na cidade não.

— Então é com o Padre Afonso. Vorta lá que ele resolve.

Pedro voltou à casa paroquial. Padre Afonso disse que era no Cartório. Mais uma vez, o amigo do falecido colocou o defunto nas costas e voltou para falar com João, deixando o saco branco no banco da praça. O local começou a ficar deserto tamanha era a catinga do defunto. E o povo da cidade começou a reclamar do mau cheiro.

— Falou que é aqui no Cartório, Jão. Disse que quando não é batizado e o dotô Juvêncio não tá na cidade é só escrever no documento a data, o motivo da morte, se deixou herdeiro na família e tá resolvido. Agora é só enterrá!

— Só lamento, seu Pedro. Padre Afonso tem que resolvê, num posso te ajudar. É no batistério da igreja.

— Sei lá se o Tonho foi batizado. Só se foi no Maranhão.

O homem saiu pisando duro, colocou mais uma vez o defunto nas costas, e foi falar com o sacerdote:

— Ô Padre, em memória do meu amigo, porque eu tenho uma dívida com ele, arruma os papel pra enterrá o Tonho.

— Se o João não resolve, o jeito é o dotô Juvêncio. Ele que vai dá a palavra final. E anda logo que esse defunto vai fedê até lá em Marimba do Beco.

— Tô tentando resolvê, seu Padre. Mas cêis num ajuda.

— Ele num foi batizado aqui, então num tem documento. Só no Maranhão!

Foram várias idas e vindas do cartório para igreja, da igreja para o cartório. Pedro punha o defunto nas costas e ia falar com o Padre. Tirava o defunto das costas, mas o sacerdote negava. Mais uma vez, colocava o saco branco no próprio lombo e se mandava para o cartório. Até os vizinhos do estabelecimento começaram a se incomodar com o mau cheiro do corpo do Tonho. A noite chegou e nada de resolver. O defunto fedia tanto que o mau cheiro foi parar na sacristia. A cachorrada espirrava quando passava perto do saco do defunto que já era bege de sujeira.

Cansado de tanto “não” e de ter que andar uns 500 metros de ida e a mesma distância de volta do Cartório para a igreja com Tonho nas costas, Pedro deu um basta na situação. Chamou o escrivão para ir com ele até a igreja falar com o sacerdote:

— Olha aqui, Padre Afonso e Jão, eu me cansei dessa confusão. Tenho mais o que fazer lá na roça. Há 11 dias que ando com o corpo do Tonho nesse saco branco que já está quase preto igual ao defunto. Então, eu deixo o Tonho aqui na porta da igreja e digo mais!...

Pedro continuou aos berros no meio da rua:

— A minha parte eu já fiz. Agora vocês vão prestar conta é com Deus! Ou todo mundo vai pro inferno, inclusive o Tonho!

Pedro saiu correndo pela praça e, em poucos minutos, nem a sombra dele era mais vista no centro da cidade. Padre Afonso e João discutiam aos berros, pois nenhum deles queria se encarregar de enterrar o defunto.

Anos depois, a história que passou a ser ouvida em Quibutira era: sempre que algum forasteiro chegava à cidade, a alma do Tonho rondava a praça da igreja e, vez por outra, abordava a pessoa dizendo:

— Onde fica o cimitério? Tério... Tério... É pra lá que eu vou... vou... vou...
